

SPINOZA E O CRITÉRIO DA *SUMMA LAETITIA*

ALEX LEITE *

Já no final do *De Intellectus*, Spinoza condiciona qualquer outro modo de pensar, como o amor e a alegria, à percepção do entendimento.¹ A condição para conceber qualquer outro modo de pensar é perceber o que pode o entendimento. O fato é que o intelecto não pode ser claramente visto se o isolarmos do movimento de descoberta das ideias que dele decorrem. Sabemos, inicialmente, o que pode a força intelectual através da elaboração dos modos de pensar que nos afetam. Essa condição expressa a noção de que a lógica das relações é mais percebida quando a atividade reflexiva se apropria de um afeto qualquer, como o *amor* e o *contentamento*. Apropria-se de um sentido que ultrapassa a visão meramente individualizada do afeto. Enfim, o entendimento reflete a lógica das relações quando percebe que há um nexo entre a ideia do objeto e a força reflexiva, sendo que o objeto determina uma mudança na disposição do sujeito. Mas o intelecto apropria-se dessa mudança de forma a ligar a alteração individual ao conjunto da existência humana.

A experiência de um modo de pensar ganha maior visibilidade quando a singularidade do modo é vista segundo a perspectiva do que ocorre comumente ao humano. Assim, o singular ultrapassa a visão parcial através da percepção do ponto de afinidade que há entre os indivíduos diversos que experimentam o mesmo modo de pensar. Restringindo-se somente ao âmbito individual, o pensamento afunda no abstrato.²

* Doutor em Filosofia pela UFRJ e professor da UESB.

¹ TIE 109 “Noutras coisas que se referem ao pensamento, como amor, a alegria, etc., não me demoro, pois que não dizem respeito ao nosso propósito e nem podem ser concebidas se primeiro não há percepção da inteligência”. Trad.: Lívio Teixeira.

² Cf. Lívio Teixeira, *A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na Filosofia de Espinosa*, São Paulo: UNESP, 2001, p. 37: “Para ele, ‘abstrair’ tem (CONTINUA)

O entendimento é o próprio ato de descoberta das ideias, exatamente porque, com isso, opera-se a junção de um modo de pensar qualquer ao conjunto das ideias que dão consistência a esse modo. A força aglutinadora do intelecto opera através de proximidades formais, que necessariamente fazem parte de um todo singular. Essas proximidades existem uma vez que expressam situações do real.

As lentes do intelecto estão mergulhadas no real como um elemento concreto, que percorre as coisas de modo a poder descobrir o ponto de interseção delas. E, para Spinoza, a percepção do que conjuga as coisas ao mesmo plano do real gera um estado de *ânimo* elevado naquele que é afetado por tal percepção: *mas o amor de uma coisa eterna e infinita nutre a mente de uma pura alegria*.³ De fato, é a ligação com essa coisa percebida que produzirá uma alteração significativa na mente. A percepção da qualidade atribuída a essa coisa e da sua natureza produzirá um tipo de afeto que ultrapassa o olhar passivo sobre as particularidades no todo. Spinoza vislumbra um olhar ativo. No *De Intellectus*, ele ainda se encontrava no limiar de uma experiência em que os elementos concretos desse olhar estavam em estado germinativo. Por um lado, ele presenciava um salto afetivo ao vislumbrar, na *Natureza*, o *eterno e infinito*; por outro, recolhia um critério para o aperfeiçoamento da inteligência. A visão sobre uma coisa que unia as partes ao todo era, ao mesmo tempo, um conhecimento necessário ao prosseguimento da vida intelectual e à reconstituição do entendimento pelo afeto da alegria produzida por tal visão.

(CONTINUAÇÃO DA NOTA 2) um sentido forte, significa separar o pensamento do *concreto*, pensar *puras* ideias, em vez de pensar ideias do *real*, do *dado*, o que, como já dissemos, não pode ser feito sem que pensemos o *Todo*”.

³ Cf. TIE 10.

A alegria pura, que resulta da percepção intelectual de uma coisa eterna e infinita, torna-se o princípio imanente da continuidade do trabalho meditativo. O intelecto começa a ser reconstituído a partir de um duplo movimento: do ato mesmo de operar segundo as categorias de eternidade e infinitude, e do afeto de alegria que resulta dessa operação.

Em certo momento do *De Intellectus*, Spinoza coloca-se numa perspectiva que o permite ver a vulnerabilidade do indivíduo diante os objetos que envolvem alguma negação. Então, a alegria passiva que certos objetos podem produzir transforma-se em tristeza, uma vez que a obsessão em adquiri-los constitui um modo de ser mais vulnerável à influência das opiniões. Em si mesmos, os objetos são desprovidos de valores. Entretanto, a maneira abusiva de desejá-los promove um conflito. É quando o desejo de aquisição perde a noção do que é necessário desejar.

Mas o desejo de uma coisa necessária e absoluta permite a experiência de uma alegria contínua. Esse desejo é um afeto livre das oscilações imaginativas causadas pela perda de sentido do que é necessário.

Uma coisa eterna e infinita não envolve negação alguma, é algo absolutamente afirmativo. A visão do que pode ser a mais pura positividade dá-se no *De Intellectus* a partir da ligação do desejo aos objetos parciais. E a mente avalia os efeitos dessa ligação. Spinoza opera a partir dos efeitos produzidos no ânimo. O intelecto é, antes de tudo, uma força avaliadora. Como força avaliadora de ideias originadas dos efeitos de certas ligações, o intelecto usa a imaginação para descobrir em que sentido as ideias podem ser nocivas ou saudáveis. Há um critério de adesão de certas ideias. Isso é formado pela reflexão sobre as experiências. O critério é determinado pelo aumento de disposição intelectual que certas ideias produzem. Esse critério subjetivo é o que permite a continuidade da vida meditativa. Mas ele não é a condição de uma visão daquilo que é eterno e infinito. A eternidade que Spinoza intui no *De Intellectus* não está explicada ali. Não há uma demonstração. É uma procura. Apenas ele diz que é possível desejar conhecer, com todas as forças, isso que pode ser a condição necessária de todas as existências.

O ser que envolve eternidade e infinitude não permite pensar o contrário em si mesmo. Nesse sentido, a alegria de sua intuição permanece estável. Mas percebemos as variações parciais das coisas, e estamos expostos a essas oscilações. Podemos entender as oscilações como encadeamentos necessários. E o intelecto pode refletir sobre as oposições, as concordâncias e as diferenças entre as coisas. Esse conhecimento permite fazer um mapeamento da nossa condição no mundo.

Mas o entendimento que percebe a noção do ser necessário começa a conhecer a realidade segundo a perspectiva de uma coisa eterna e infinita. E o que gera a *sola laetitia* é o amor nascido da percepção do ser necessário. Pensar movido pelo princípio da *laetitia* é estar na perspectiva de uma noção que ultrapassa a ideia de contingência da realidade. Essa noção produz na mente a satisfação de entender o que é a *Natureza* e o que fortalece a vida humana. Assim, o entendimento de que a *Natureza* é a condição necessária de todas as coisas produz um tipo de satisfação que anima a continuidade da vida meditativa. De fato, somos perturbados por imagens abstratas, imagens separadas do fio da totalidade. Entretanto, podemos continuar um movimento reflexivo a partir do conceito de eternidade⁴, pois as visões imaginativas, separadas do todo são modos parciais de perceber o real.

O *De Intellectus* é o plano de superação das visões abstratas. É uma superação em processo. Um movimento de transição do pensamento está sendo elaborado. A contraposição entre as alegrias causadas pelos bens perecíveis e a alegria contínua revela um movimento de superação do modo como se percebem e se desejam certas coisas. Abre-se a análise sobre os modos percepção e de desejo. Trata-se de entender o modo como os objetos são percebidos e desejados. Por isso, mesmo que o critério subjetivo não permita alcançar a intuição do todo, ao menos permite prosseguimento do trabalho meditativo. Pois não é o fato de constatarmos verdades objetivas que a transição do pensamento se efetivará. A

⁴ Cf. *E. I, def.: 8*: “Por eternidade compreendo a própria existência, enquanto concebida como se seguindo, necessariamente, apenas da definição de uma coisa eterna”.

transição se efetiva quando a percepção e o desejo são analisados juntos.

O intelecto é uma força avaliadora. É no âmbito da experiência dessa força que as noções essenciais sobre a natureza do entendimento vão sendo descobertas. Spinoza acolhe e opera segundo o afeto da *summa laetitia*. Ele nos mostra que os modos de perceber estão ligados às disposições mentais e aos desejos. Ora, dado um objeto qualquer, visto segundo a ótica da contingência, certamente há uma variação afetiva que oscila conforme as imagens abstratas do objeto. Por outro lado, dada qualquer existência, vista sob a perspectiva da eternidade, há um tipo de satisfação nascida da percepção de que aquela existência está vinculada ao todo.

Operar segundo a visão intelectual do eterno produz um claro sentido de que tudo acontece de acordo com o sentido da necessidade. E certas noções ligadas ao *possível* deixam de acontecer quando a mente trabalha segundo a perspectiva da necessidade? A categoria do *possível* está infiltrada na imaginação das mais diversas formas. Há a forma negativa, quando um acontecimento qualquer é visto sob o olhar da contingência, da ignorância. É o momento em que a consciência forja o famoso *não deveria ter sido assim* ou *deveria ter sido assim*. Nesse caso, pode nascer, entre a consciência e o acontecimento, uma tensão imaginativa que minará a força do entendimento. Assim, a imaginação arrogará um lugar no plano da realidade, de forma a querer a própria remoção do acontecido. Um querer delirante que se torna lei, julgamento, ódio.

Uma reforma do entendimento jamais pode ser engendrada na perspectiva de um possível carregado de teor moralizante. A reforma procura reunir as forças do entendimento de acordo a ótica da necessidade.⁵ É uma ótica em que a existência é afirmada em toda sua plenitude. Pois tudo que existe implica sempre um elo com o que o faz ser. É a própria perspectiva da afirmação da realidade como algo vinculado à essência absolutamente afirmativa, diferentemente do possível negativo, que se sustenta através de um estado imaginativo desvinculado do entendimento. Um estado em que é possível

reproduzir as mais diversas suposições, independentemente da existência mesma das coisas.⁶

Uma alegria eterna e contínua é a plena afirmação racional do real como necessidade. E manter-se num estado em que a ação intelectual prossegue é o próprio processo de afirmação da nossa potência de agir e pensar no real. Quando Spinoza diz almejar a alegria contínua, não podemos entender como crescimento indefinido de intensidade. A plena alegria é permanente, porque a ação do pensamento envolve esse afeto. É um afeto que acompanha a ação reflexiva. E é contínuo, porque a reflexão se mantém a partir da sua própria potência.

A afirmação do esforço meditativo é o seu prosseguimento na existência. A própria descoberta da união entre a mente e a *Natureza* é um processo contínuo de afirmação da nossa condição humana. Somos um modo da *Natureza* singularizado pelo entendimento. As ideias singularizam-nos. E a *summa laetitia* acontece como percepção de que somos um modo da *Natureza* expresso através de ações e ideias que afirmam nossa ligação com o todo.

A experiência da *alegria* decorre e alimenta a continuidade do trabalho meditativo. E esse afeto é vinculado ao processo de superação de nossas debilidades. Assim, tudo que alimentar o processo passa a ser bem verdadeiro. A própria descoberta das condições de superação está ligada ao bem verdadeiro. A *reforma* é transição mediada pela alegria.⁷ Há uma sequência afetiva narrada: vanidade, medo, alegrias passivas, extrema tristeza, consolação. Mas o que permite a *conversão* ao pensamento é a experiência de um afeto que decorre da potência reflexiva.

Ser movido pelo afeto que decorre da reflexão constitui um critério de passagem. A maneira de resguardar esse afeto é assimilando-o à própria transição. Pois as referências da passagem são os estados afetivos experimentados. As linhas do processo são as experiências afetivas e a exigência de preservação de si. O mapa da trajetória é formado por essas duas linhas

⁶ TIE 54.

⁷ Cf. Maxime Rovere, *Exister. Méthodes de Spinoza*, Paris: CNRS, 2010, p. 312: “Nous ne jouissons pas d’une manière statique de l’existence, nous jouissons d’un passage (“une Joie”) par lequel l’identité se produit”.

⁵ TIE 53.

básicas. E o critério da alegria ativa é o que permite o desprendimento dos fins que subtraem o pensamento, e a conquista de uma nova trajetória.

Uma ideia verdadeira reforça esse critério. A ideia de que *existe* envolve uma afirmação imediata de si. A reflexão afirma a presença desse imediato de modo positivo. Essa ideia é o próprio afeto de pertencimento ao todo, pois não há afirmação de si dissociada da *Natureza*. O existir como ideia simples e verdadeira traduz o afeto de pertencimento. Portanto, o critério da alegria contínua que, no primeiro momento, é subjetiva, torna-se objetiva, uma vez que a evidência da união entre mente e *Natureza* é percebida já a partir da noção simples de que existe.

Ora, a afirmação do imediato de si envolve o todo, pois não se trata de conceber a si mesmo mediado pelo *outro* representado imaginativamente. O si mesmo é uma potência evidenciada pelas ações e ideias nascidas num contexto. De imediato, podemos perceber nossa singularidade no mundo. A mente é afetada por essa percepção. Ao mesmo tempo, podemos ser desviados dessa percepção através de representações instituídas. O *outro* pode ser instituído como referência para as nossas ações, e isso não é, em si mesmo, negativo. O negativo é quando essa representação constitui uma forma de desejo que transfere para esse *outro* ou o *objeto*⁸, a razão de nossos movimentos. É a potência imanente a cada corpo singular a razão dos movimentos. A transferência nos faz perder de vista que a afirmação de si é um afeto de ligação das nossas ações e ideias ao real. A reflexão é nexa imediato. A representação pode ser dissociativa. Mesmo a memória é nexa imediato com a preservação de si. O que primeiro a ideia verdadeira afirma é um corpo em movimento. Logo, é possível pensar a partir da

⁸ O problemático, na gênese do pensamento platônico e hegeliano, é a transferência do que move o desejo para o outro ou o objeto. O outro e o objeto fazem parte da totalidade da existência. Mas o móvel do pensamento é a potência imanente de pensar. E já pensamos segundo um nexa com as coisas, uma vez que o corpo é esforço permanente de conservação, que necessita se unir às coisas para a continuidade desse movimento. E não são as coisas que produzem o movimento, é o esforço que as seleciona conforme uma imagem que satisfaz o próprio interesse de preservação.

afirmação de si como ideias das ações.⁹ Assim, a alegria se torna um critério objetivo, pois nasce da percepção de que o existir é afirmação singular imanente ao real.

Mas a *satisfação de si* pode ser uma nova gênese do pensamento? A apropriação da exigência de preservação de si pode ser o fundamento da vida intelectual? Há uma forma da alegria pura que é a expressão imediata do existir. A afirmação da existência evidencia, para nós, um aumento de perfeição, pois é o próprio imediato do que somos a primeira realidade a ser afirmada. É o puro afeto compartilhado por todos. Ora, só há dissociação imaginativa quando esse afeto é mediado por interpretações que submetem as experiências a um regime de signos que impõem formas capazes de obscurecer as próprias experiências. O que as opiniões fazem é justamente separar a potência reflexiva dos acontecimentos. Mas a reflexão é uma potência que escapa das opiniões. A reflexão equivale ao esforço de compreensão da vida a partir de um plano onde as percepções das modificações ocorridas em nós são expressas tendo em vista a percepção de que compartilhamos afetos comuns. A preservação de si é um afeto em comum. A *satisfação de si* é uma possibilidade em comum.

O real é imediatamente acessado através das modificações que vivemos. O isolamento das afecções como realidade de um *eu* é um recurso da imaginação para observar um caso particular. Entretanto, as afecções envolvem sempre causas e, sendo assim, abrem a percepção para a lógica das modificações, e não para uma interioridade isolada. O *eu* é um produto da imaginação. A potência de compreensão dos movimentos experimentados é uma ação do entendimento. A alegria contínua está completamente vinculada a esses movimentos. Por outro lado, a extrema tristeza ganha força em nós à medida que o *eu* é

⁹ O retorno à experiência é o modo adequado de pensar a ligação entre as ideias e as ações. A interpretação das ações mediadas pelas opiniões instituídas é o que impede pensar uma gênese do pensamento a partir das linhas simples que compõem a experiência. A passagem para o filosófico é inicialmente a desativação de formas (opiniões) instituídas de pensar. Essa passagem é acompanhada da descoberta da afirmação de si como modo da *Natureza*. Trata-se de um problema de transição.

instituído como realidade do nosso ser. A alegria é *desindividualização*, porque envolve o real. A permanência na tristeza é a redução da potência de agir e pensar a uma unidade isolada. Não há identidade. O que há é potência, hábito e possibilidades imanentes.

A alegria como critério objetivo de compreensão da realidade é a afirmação dos acontecimentos segundo os encadeamentos necessários. É a compreensão da vida na perspectiva do necessário. Mas o *eu*, como mediação entre nós e o mundo, particulariza os acontecimentos e os separa da lógica segundo a qual eles acontecem. A alegria pura centra a percepção nas condições de possibilidades dos acontecimentos. A tristeza extrema centra no *eu*, no *outro* ou no *objeto*. Qualquer teoria que tem sua gênese nessas três entidades não pode ser considerada teoria, e sim sintoma. A única gênese real do pensamento é a que começa com a noção de preservação de si como princípio. Há gêneses que são sintomas presos ao limite da extrema tristeza. A diferença de Spinoza em relação a Platão e a Hegel é justamente não confundir o sintoma com o real. Por exemplo: os efeitos de uma decepção se explicam mais pelas expectativas em relação ao futuro do que pela insuficiência do real. Não há insuficiência no real, nem há um negativo que move o desejo. O desejo move-se a partir do esforço de preservação de si. Os equívocos nascem porque, entre o desejo e as coisas, são produzidas imagens que podem constituir ligações nocivas com as coisas. Mas essas imagens são nossas heranças do mundo. E, por outro lado, a alegria reflexiva permite a compreensão do que nos é mais favorável para continuar na existência.

A mente pode refletir as condições essenciais dos acontecimentos na *Natureza*. O que permite a reflexão é o fato de que constituímos modos de acessibilidade ao real. Formamos planos de acessos e nos compomos com o todo. Pode haver o melhor plano? Essa é a verdadeira questão do pensamento. O melhor implica variações de perspectivas. O melhor é o que inclui mais variações possíveis. No entanto, as variações jamais se separam da *satisfação de si* como princípio. Pois o melhor é o que permite a todas as potências afirmarem-se como livres.

O conhecimento do que é essencial não pode se expressar senão como liberdade própria e utopia da liberdade. As condições essenciais são as percepções imediatas de que, dada uma sequência em que conhecemos o que permite sua efetivação, encontramos um *uso* adequado desse encadeamento. Conhecer é *usufruição* adequada das sequências necessárias dos acontecimentos. Trata-se mais de fazer um esvaziamento das representações que sobrecarregam nossa mente do que assimilar compulsivamente mais opiniões. O essencial é uma linha de passagem. E tudo que não é refletido a fundo é opinião. Tudo que não vira próprio é opinião.

Ainda não sabemos o sentido real da afirmação de Spinoza quando escreve sobre gozar os prazeres no limite da saúde. Conhecer esse limite não seria afirmar a animalidade do homem? A concepção de amarelo expresso por Vermeer seria uma representação da cor, ou afinidade instintiva com o amarelo? As representações existem. Por outro lado, é necessário preservar a reflexão como movimento que decorre de um efeito imediato – efeito não mediado pelas opiniões instituídas. Trata-se de preservar o gozo no limite de um movimento contínuo. A saúde é o contínuo, e a doença é o esforço de continuação numa circunstância adversa. As opiniões são adversas à verdadeira percepção. De fato, refletir é produzir uma passagem na ordem das opiniões. Essa passagem é a nossa animalidade preservada a partir dos mais variados movimentos exigidos pelo nosso ser. Um corpo que se recompõe pelo amarelo assimila o imediato dessa cor em certas frequências. Conhecer é saber usar essas frequências.

As condições essenciais são percebidas de um só golpe de vista, pois o entendimento mantém um vínculo indissociável com o que nos é excelente. Mesmo as crianças já fazem suas distinções a partir de um critério de agradabilidade. São imagens positivas do real que constituem inclinações rápidas por odores, gostos, sons, texturas, visões. Mas sozinhas elas sucumbiriam rapidamente pelo fato de que a agradabilidade somente ganhará consistência quando a percepção passar a operar a partir do conhecimento das afinidades e divergências entre

as coisas. A transição do estado infantil ao estado de entendimento passa necessariamente pelo aperfeiçoamento do critério de agradabilidade. Sendo a criança o adulto sem a capacidade de usar adequadamente os recursos próprios da nossa natureza, o adulto é a criança como necessidade de transição contínua. Jamais o critério de agradabilidade se separa de nós. De forma equivocada ou adequada, esse critério opera.

Um critério de transição é sustentado pela noção de inseparabilidade dos atos do que é imaginado ou entendido como o melhor. A alegria contínua como critério é, sem dúvida, o modo adequado da transição. Ora, um afeto de aumento de potência decorrente de um movimento em que nós somos a causa permite a percepção de nós mesmos como seres capazes de conceber realidades que nos afetam positivamente. O sentimento de existência de ações capazes de produzir um efeito de alegria naquele que as realiza e daquelas que são estimadas é o que alimenta a continuidade dessas ações. Tendemos à repetição de tais ações. Entretanto, o problema é entender por que a repetição pode se prender ao que contraria o esforço de melhor preservação. Por que o critério de agradabilidade pode se limitar, por exemplo, a acumulação de dinheiro como fim? Talvez o medo da perda mesclado ao gozo da acumulação possa ser uma hipótese razoável. Assim, o critério da alegria contínua pode ajudar a superar uma forma de preservação de si decadente, isto é, que está presa à mera acumulação como fim?

Que ação condiz mais ao que pode nossa natureza? Toda ação envolve alianças. Compartilhar um sentido é o que mais condiz à nossa potência. Por isso, o uso de um vocabulário corrente é para Spinoza uma regra de vida, que tem a função de compartilhar o pensamento a partir de termos usados frequentemente. A concepção de sentidos pode começar dos termos já utilizados entre nós. As próprias definições sobre o real podem ser enunciadas com os recursos da própria linguagem corrente.

O trabalho do pensamento implica a acessibilidade compartilhada. Constituir acessos, transições, passagens é próprio da alegria ativa; mas há as formas de obscurecimentos do pensamento. É quando o acesso é obstruído por

alguma forma de poder abusiva. Não pode haver mistério na praça pública. Mas há mistificações abusivas no mundo. O que sempre regerá a filosofia é o princípio da clareza, a publicização radical. Trata-se de compartilhar um esforço de compreensão de um problema real. Mas é possível uma transição do pensamento? É possível constituir novas maneiras de pensar que escapam à ordem das finalidades ilusórias? É possível um pensamento que começa pela afirmação da preservação de si como exigência de superação de formas equívocas do desejo? É possível uma nova gênese do pensamento? Serão sempre os problemas da vida que forçarão a crítica às formas de pensar. O real se impõe. E o verdadeiro trabalho é constituir acessibilidades nele.

Perceber o real como afirmação absoluta de si produz uma forma de alegria que decorre do fato de a vida surgir como movimento incessante e variado de coisas. É a percepção de uma potência infinita através das variações contínuas de coisas. A pulsação da vida se expressa como nexos, alianças, convergências, divergências. Estamos no interior dessa pulsação, e seguindo conforme as mesmas sequências ocorridas no real. O *eu* é constantemente assimilado pelo todo-potência que o livra da ilusão do isolamento. O sentimento de um *eu* isolado é uma ilusão nociva. Só há o real. Compartilham-se o calor e o frio. Da janela já sabemos que o mundo se impõe com suas formas variadas de ser e com seus pontos de interseções. Mas o compartilhar pode ser obstruído por formas de desejo externas que são incompatíveis com a nossa.

O critério do pensamento verdadeiro é a alegria contínua. Mas podemos permanecer na imaginação, com um acesso restrito ao real. Essa parcialidade nos deixa, no máximo, no limite das alegrias passivas. Nesse limite, a alegria e o prazer se confundem. Os bons efeitos causados pelas coisas nos mantêm nesse limite. E esse limite se transforma em um circuito, uma trajetória. As alegrias passivas constituem caminhos, viram hábitos. O acesso ao pensamento pela compreensão desse circuito já mostra o desejo como afeto constitutivo de trajetórias. A verdade é a gênese dessa trajetória, que começa por percepções mais evidentes.

A evidência das percepções é realizada pela reflexão. A cada passo, o processo reflexivo produz um efeito que está associado a uma descoberta. O efeito é produzido pela percepção. Ora, como o processo de descoberta exige continuidade, então, a cada passo, o efeito é retomado como um afeto nascido da reflexão mesma. Se a reflexão não fosse um modo de sentir, não haveria continuidade. Cada experiência do pensamento corresponde a um afeto. As ideias que decorrem do processo realimentam a trajetória.

A alegria contínua é uma dimensão da nossa natureza, porque somos um esforço de compreensão da nossa natureza. E, de fato, continuamos os movimentos que produzem em nós algum nível de alegria, seja passiva ou ativa, pois não há voluntarismo intelectual. Pensamos porque nos afetamos pelas relações com as coisas, os outros, as opiniões. Guardamos certos efeitos e podemos percebê-los segundo a perspectiva da necessidade ou parcialmente. No primeiro caso, ligamos os efeitos às causas e, no segundo, olhamos os efeitos separados de sua gênese.

A percepção a partir da gênese pode começar pelo efeito, mas fazendo um trabalho de ligação desse efeito ao modo como ele é constituído. Esse trabalho é uma ação do pensamento. É uma alegria ativa. Sendo a alegria aumento de potência, então o que torna esse afeto ativo é o trabalho contínuo de compreensão compartilhada do real. Alegria ativa é trabalho que decorre da potência mesma do pensamento. E ter esse afeto como critério significa que o trabalho o causa e é nutrido por ele.

